



**A construção de identidades e diferenças na ambiência
midiatizada¹**

**The construction of identities and differences in the
mediatized ambience**

Juliana Linhares Brant Reis

Giovandro Marcus Ferreira

Palavras-chave: Mídia; Identidade; Self; Algoritmos; Acessibilidade.

1 Os processos de mídia e a construção de identidade

Este artigo tem como objetivo discutir as implicações dos processos de mídia na formação de identidades, tendo em vista a diversidade como uma exigência importante e necessária.

Os meios de comunicação devem colaborar com o acesso aos direitos humanos, com a promoção da cidadania, dar visibilidade às demandas da sociedade e valorizar as diferentes culturas. Hjarvard (2014) defende que os meios de comunicação transformam as relações e os comportamentos sociais, contribuindo com o processo civilizatório. O autor considera a mídia como uma instituição social tão importante, que não é possível compreender uma sociedade sem considerar a sua relação com os meios de comunicação, uma vez que eles se integram à vida social, como uma extensão do corpo

¹ Trabalho apresentado ao V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

humano. No mesmo sentido, Thompson (2011) vê a mídiatização como parte integral do desenvolvimento da sociedade moderna.

O desenvolvimento dos meios de comunicação teve para Thompson um profundo impacto no processo de formação do *self*, a partir das “experiências mediadas”. Para o autor, *self* é um projeto simbólico, construído ativamente pelos indivíduos e sofre influência dos meios de comunicação, na medida em que as interações entre as pessoas passaram a ser sobretudo mediadas. A partir dos materiais simbólicos a que tem acesso, o indivíduo vai construindo relações e formando sua identidade, que pode ser redefinida ao longo do tempo.

O autor chama a atenção para alguns aspectos que ele considera problemáticos quando se trata dessa experiência cada vez mais mediada. Um deles é o fato de que os materiais simbólicos são distribuídos de maneira desigual, já que nem todo mundo tem acesso às mesmas informações. Outra questão seria o viés ideológico das mensagens, que sustentam relações de poder, muitas vezes sem a percepção dos indivíduos. Com a importância da mídia na transmissão de informação, suas mensagens podem ser recebidas e introduzidas na vida dos receptores, contribuindo com a formação de um *self* ideológico, criado a partir de interesses econômicos que fogem do conhecimento dos indivíduos. Uma terceira característica apontada por Thompson é a dependência desses sistemas sobre os quais o indivíduo não tem controle. Quanto maior a influência sobre o *self*, maior a dependência das experiências mediadas nos projetos de vida. Enfim, para o autor, as experiências vividas continuam sendo fundamentais, mas as mediadas têm assumido um papel cada vez maior no processo de formação da identidade (THOMPSON, 2011).

A identidade é relacional, marcada pela diferença e pode ser entendida como um processo de construção social (WOODWARD, 2011). Pessoas com alguma deficiência, por exemplo, são rotuladas como diferentes, desiguais daquelas consideradas “normais”. Neste contexto, a deficiência poderia ser considerada uma forma de identidade que depende dos normais, ou seja, da diferença. No entanto, a questão é mais complexa. À



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

primeira vista, poderíamos pensar que as pessoas, no caso, surdas, formam uma comunidade homogênea, convergente, com interesses comuns. Mas em uma análise mais detalhada, percebe-se que há muitas diferenças dentro dessa identidade. E parece ser dentro dessa diversidade que as identidades das pessoas com deficiência auditiva são formadas.

A identidade e a diferença são construções sociais mutuamente determinadas e produzidas em um mundo que é cultural e social. A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam as operações de incluir e excluir; é sobre quem pertence e quem não pertence. Dizer "o que somos" significa também dizer "o que não somos". Essa demarcação de fronteiras supõe relações de poder. A fixação de uma determinada identidade como norma é uma das formas de hierarquização das identidades e das diferenças, e um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta nesse campo (SILVA, 2011). A construção social da deficiência é um fenômeno dado neste universo.

Historicamente as pessoas com deficiência no Brasil e no mundo são estigmatizadas como inferiores e incapazes, chegando a ser escondidas do meio social, o que interfere nas relações interpessoais, gera a exclusão ou marginalização e prejudica a construção de suas identidades, culturas e o desenvolvimento do *self* (MAYER, 2018).

2 Democratização do acesso para quem?

O desenvolvimento das ferramentas de comunicação fomentou o acesso à internet e a softwares sociais como Facebook, Instagram e Whatsapp, promovendo transformações nas condições de produção, circulação e recepção. O leitor passa a ser um sujeito ativo na ambiência midiatizada, onde é possível interagir, produzir conteúdo, manifestar suas demandas. Para Tarcízio Silva (2022), interação, compartilhamento e troca são gramáticas das redes digitais que influenciam a dinâmica social, com



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

implicações no acesso ao conhecimento. No entanto, ter acesso a esses dispositivos não significa ter domínio sobre seu uso.

Mesmo diante de sociedades e instituições midiatizadas, o acesso não é para todos. Alguns discursos permanecem silenciados e algumas comunidades ainda não se apropriam efetivamente do ciberespaço. Ou melhor: procuram se apropriar, mas aquele ambiente não foi pensado para elas e continua não reconhecendo aqueles indivíduos, como é o caso das pessoas com deficiência auditiva, que muitas vezes precisam de recursos de acessibilidade para garantir seu direito à comunicação. Esse público nos interessa de modo especial e permeia o debate desta pesquisa.

Quando se trata de ciberespaço, mídias sociais, hiperconectividade, é importante considerar a inteligência artificial que orquestra todo esse ambiente midiatizado: os algoritmos. Para Couldry e Hepp (2017), os dados orientam a interação social e são o caminho para a construção do conhecimento. São eles que direcionam o que o indivíduo deve consumir de informação, bem cultural ou material, que indicam qual comportamento deve ser seguido, qual opinião pode ser expressada em público. Tomando como exemplo o Facebook, ali os algoritmos operam criando bolhas ou grupos sociais que tornam as pessoas cada vez mais semelhantes umas com as outras e as distanciam de indivíduos e informações que apresentem ideias diferentes.

Com a implicação cada vez maior da inteligência artificial nas práticas sociais e institucionais, os algoritmos selecionam e recortam o que cada indivíduo deve ter acesso e ainda com quem cada sujeito deve se relacionar. Couldry e Hepp (2017) observam que nessa engenharia dos algoritmos, o que não é selecionado se torna invisível.

Os algoritmos organizam os indivíduos em categorias e criam estratégias para filtrar mensagens, anúncios, pessoas, informação. O conhecimento produzido pelo processamento de dados é desenvolvido a partir dessa seleção, portanto não apresenta dados brutos, muito menos neutralidade. Couldry e Hepp (2017) enxergam um potencial de violência no processo que, para eles, é seletivo e discriminatório, além de estar atrelado à distribuição de poder, por controlar os humanos a serviço da economia



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

capitalista, uma vez que geram dados para o mercado. Além disso, a realidade social passa a ser organizada por essa lógica sem que os usuários tenham conhecimento disso.

A visão de mundo de cada sujeito que está inserido na ambiência midiaticizada passa a ser construída pela inteligência artificial. O documentário *Coded Bias*, lançado em 2020, traz essa perspectiva dos algoritmos como uma ferramenta que governa a vida social. E esse gerenciamento feito a partir de uma máquina, reproduz o mundo como ele é: machista, sexista e racista, como é apresentado no filme. No mesmo sentido, Amoore (2020) destaca que os algoritmos não são estáticos. Pelo contrário, são continuamente atualizados e nessa reescrita os problemas de viés se fortalecem, quando deveriam diminuir. A interpretação e reconfiguração da mensagem seguem homogeneizando elementos diferentes. Para a autora, a questão fundamental não está em mudar a autoria do código, mas em discutir essa reescrita que vem reproduzindo problemas discriminatórios da sociedade.

Neste debate que reconhece os algoritmos como uma máquina de aprendizagem discriminatória, chama a atenção o fato de as pessoas com deficiência ainda não serem incluídas na discussão. Se a inteligência artificial identifica e categoriza as pessoas em grupos e, assim, procura direcioná-las sobre o que devem consumir, é possível dizer que as pessoas com deficiência auditiva existem para os algoritmos? Se existem, qual visão de mundo é permitida e apresentada para elas? Com quem podem se relacionar?

Ao pesquisar sobre algoritmos e preconceito, encontramos importantes estudos sobre racismo algorítmico, como as pesquisas de Tarcízio Silva, mas não sobre pessoas com deficiência. Se a programação da televisão e internet não se preocupa com esse público, se “os meios de comunicação agem como se as pessoas com deficiência não



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

existissem todos os dias”, como alerta a pesquisadora Cláudia Werneck², o que pensar sobre a inteligência artificial que seleciona e orienta não só o consumo na internet, como também as relações e práticas sociais? Como isso influencia no comportamento e na construção das identidades das pessoas em geral, e sobretudo daquelas com deficiência auditiva, que comumente se encontram à margem do direito à informação?

Estas questões instigantes passam pela importância do acesso à cidadania como um direito de viver em sociedade e de ter escolhas. Se os algoritmos procuram ditar a vida cotidiana, sem que as pessoas tenham conhecimento claro sobre isso, é preciso compreender e discutir a construção de identidades a partir dessas intervenções tecnológicas que são permeadas de vieses.

3 Apontamentos iniciais

A partir deste estudo inicial, observa-se que é importante entender como a experiência mediada atua no cotidiano dos indivíduos e encontrar formas de construir um acesso mais democrático. Apesar de estarmos em uma era de midiatização profunda, o acesso não é para todos e é controlado por poucos. Os algoritmos indicam o que os usuários devem consumir, como devem se comportar. É importante compreender isso e garantir a diversidade na criação dos códigos. No entanto, é preciso ampliar essa discussão. O estudo de Louise Amoore indica um caminho interessante sobre vies algorítmico, que vai além da autoria dos códigos: para a autora, o problema dos dados se torna maior a partir da sua reconfiguração, que também é discriminatória e fomenta

² Fala registrada na *live* “Acessibilidade, inclusão e informação jornalística durante a pandemia: onde estamos errando?”, promovida pelo grupo de pesquisa GJOL da Faculdade de Comunicação da UFBA, no dia 24 de julho de 2020.



as relações de poder. Esta perspectiva apresenta uma contribuição para esta pesquisa que procura entender as implicações da miatização nas relações, nas narrativas, práticas sociais e na formação de identidade.

Referências

AMOOORE, Louise. **Cloud Ethics: Algorithms and the Attributes of Ourselves and Others**. Duke University Press, Durham and London, 2020.

COULDRY, Nick e MEJIAS, Ulises. **The costs of connection (how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism)**. Stanford, Stanford University Press, 2019.

COULDRY, N.; HEPP, A. **The mediated construction of reality**. Cambridge: Polity, 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**, Brasília, Editora UnB, 2001, 316 páginas.

FAUSTO NETO, Antônio e VALDETTARO, Sandra. **Mediatización, sociedade y sentido – dialogos entre Brasil y Argentina**, Universidade Nacional de Rosario, 2010.

FEENBERG, Andrew. *Vers une théorie critique de l'internet*, in **revueTic&Société**, vol. 8, N° 1-2, 1er semestre 2014 er 2ème semestre 2014.

HJARVARD, Stig. **A miatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo. Ed. UNISINOS. 2014.

LUNDBY, Knut (org.). **Mediatization of communication**, Handbooks of Communication Science, vol. 1, Mouton, De Gruyter, 2014.

MAYER, Flávia Affonso. **A importância das coisas que não existem: construção e referenciação de conceitos de cor por pessoas com cegueira congênita**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2018.

SILVA, Tarcízio. **Racismo Algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. Sérgio Amadeu da Silveira (org.). Edições Sesc, 208 p., 2022.



Anais de Resumos Expandidos
V Seminário Internacional de Pesquisas
em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Katryn Woodward. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SODRÉ, Muniz. **A sociedade incivil – mídia, iliberalismo e finanças**, Petrópolis, Vozes, 2021.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis. Ed. Vozes, 12ª edição, 261 p., 2011.

VERÓN, Eliseo, **La semiosis social, 2 – ideas, momentos, interpretantes**, Buenos Aires, Paidós, 2013.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. Editora UNISINOS. Tradução Vanise Dresch. São Leopoldo, 286 p., 2004.

WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Katryn Woodward. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância : a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**, Rio de Janeiro, Intrínseca, 2020.